

AS ATIVIDADES ESCOLARES E AS PROFESSORAS NA VISÃO DAS CRIANÇAS DA ESCOLARIZAÇÃO INICIAL

Luciléia Belter
Noeli Valentina Weschenfelder

Resumo

Introdução: este trabalho refere-se a uma pesquisa de iniciação científica realizada enquanto bolsista PIBIC/CNPq, período 2008/2009. Nesse período foram desenvolvidas atividades orientadas com vistas à qualificação da formação acadêmica enquanto estudante do curso de Pedagogia – Unijuí. Os objetivos foram investigar como as crianças na escola percebem a instituição escolar, as professoras e as atividades escolares, e, exercitar a análise de dados coletados guiando-nos através dos referenciais que nos possibilitaram o descentramento da visão adultocêntrica sobre as crianças, permitindo a visão de mundo pelo olhar infantil. A Sociologia da Infância e a Antropologia da Criança foram os referenciais norteadores, através dos quais compreendemos a criança como sujeito social, analisadas como atores ativos no seu processo de socialização e não apenas produto da cultura adulta. A pesquisa desenvolveu-se numa escola pública de periferia urbana e outra escola pública rural, ambas do município de Ijuí, os sujeitos foram crianças de segunda série do ensino fundamental. **Material e métodos:** a metodologia utilizada de dados inspirou-se em pesquisas já realizada com crianças por educadores, sociólogos e antropólogos que se dedicam a estudar a infância nas escolas e em outros contextos socioculturais. Reafirmamos com a metodologia a concepção teórica assumida, ou seja, a criança como *sujeito*, ator social. Neste sentido, adotamos uma concepção de pesquisa *com* as crianças e não *sobre* elas. Desta forma, procuramos promover uma coleta e geração de dados utilizando-nos de desenhos, poesia, histórias, produção de textos e narrativas, meios pelos quais as crianças pudessem expressar-se fazendo uso de vários tipos de linguagens. **Resultados:** os dados revelaram que para as crianças sujeitos deste exercício investigativo, o mais importante na rotina escolar é o brincar, momentos de lazer como o recreio, os passeios e os amigos que ali encontram, respostas estas que estiveram inclusas em quase todos os dados gerados, indiferentemente do instrumento metodológico utilizado para que as crianças falassem sobre a escola. **Conclusões:** as crianças, através de suas falas, nos mostram como poderiam participar na construção de um novo espaço escolar, mais lúdico, no qual a criança e sua infância têm lugar. Constatamos que elas podem e têm muito com o que contribuir na gestão do espaço escolar, mas ainda são vozes ausentes dos currículos, dos planejamentos, das atividades, da organização dos espaços e dos tempos. Os dados obtidos através da escuta das vozes das crianças nos mostram como ainda temos que avançar nas discussões sobre a infância e as crianças nas escolas e que apenas deixar a criança falar não é suficiente, ainda faz-se necessário garantir a sua efetiva participação. Na prática, garantido a escuta das vozes e a participação das crianças na gestão escolar, os projetos pedagógicos deixariam de ser apenas *para* as crianças, para serem definidos a partir das crianças e *com* elas, tornando o ambiente escolar mais democrático, provocado pelo diálogo entre os sujeitos da escola, adultos e crianças, os quais ocupam diferentes lugares sociais.

Palavras-chave: escola, crianças, vozes infantis.

O artigo apresentado é resultado de um trabalho de pesquisa de iniciação científica realizada enquanto bolsista PIBIC/CNPq da Unijuí. Nesse período foram desenvolvidas atividades orientadas de pesquisa com vistas à qualificação de minha formação, além de vivenciar intensa participação das atividades acadêmicas. Durante o período tive a oportunidade de participar de eventos científicos e de grupos de estudos, produzir artigos, a partir da construção de relatórios científicos e, assistir aulas do mestrado, como aluna ouvinte.

O tema abordado no artigo tem origem nas discussões do projeto intitulado, “‘Elas’ estão no Ensino Fundamental e na Educação Infantil: identidades culturais, vozes da escola”, desenvolvido e coordenado pela professora do Departamento de Pedagogia da Unijuí, Noeli V. Weschenfelder. Em tal projeto “Elas”, são as crianças, sujeitos da infância, mas também as professoras, sujeitos da instituição escolar investigada, sendo a infância e a docência elementos fundamentais do processo educativo. A discussão realizada no grupo de estudos, ressalta a impossibilidade de discutir a formação de professores/as sem ter como referência a criança, ambos sujeitos sociais, culturais e historicamente situados em seu tempo (WESCHENFELDER e BELTER 2009).

No subprojeto desenvolvido por mim “As atividades escolares e as professoras na visão das crianças da escolarização inicial”, a temática principal foi investigar como as crianças na escola percebem a instituição escolar, as professoras e as atividades escolares e procurou exercitar a análise de dados coletados guiando-se por referenciais que provocam repensar a escolarização inicial, tendo por base a visão de mundo pelo olhar infantil. A investigação seguiu a perspectiva que traz a criança como um ator social, reconhecendo que ela tem algo a dizer para contribuir com o debate pedagógico realizado no interior da escola. As perguntas que seguem foram alguns dos questionamentos norteadores do estudo: Quais são os atributos de uma “boa” escola na visão das crianças? O que as crianças esperam das professoras? Quais seriam as atividades mais agradáveis e produtivas, na visão das crianças? Do que mais gostam na sala de aula e na escola? O que as desagrada? O que gostariam que fosse modificado na escola e na sala de aula?

Com as leituras realizadas, tanto no curso de Pedagogia, quanto no decorrer do projeto, viemos aprendendo que é preciso romper com as “certezas” construídas sobre quem são e como são as crianças, neste sentido, a Sociologia da Infância e a Antropologia da Criança são referenciais que estão nos trazendo um novo olhar sobre e para as crianças, um grupo considerado pela própria Pedagogia, como os “mudos” da história.

Os referenciais com os quais viemos trabalhando, portanto, nos possibilitam entender a criança como sujeito social, sendo essas “analisadas como atores no seu processo de socialização e não como destinatários passivos da socialização adulta...” (SARMENTO, 2008, p. 20). A criança não é apenas produto da cultura, mas também produtora, e é esse descentramento da visão adulta sobre as crianças, que estamos tentando exercitar na pesquisa.

(...) as crianças, na sua interação com os adultos, recebem continuamente estímulos para a sua integração social, (...) que, ao invés de serem incorporados em saberes, comportamentos e atitudes, são transformados, gerando juízos, interpretações e condutas infantis que contribuem para configuração e transformação das formas sociais. Deste modo, não são apenas os adultos que intervêm junto das crianças, mas as crianças também intervêm junto dos adultos. As crianças não recebem apenas uma cultura constituída que lhes atribui um lugar e papéis sociais, mas operam transformações nessa cultura, seja sobre a forma como a interpretam e a integram, seja nos efeitos que nela produzem, a partir das suas próprias práticas... (idem, p.29).

O exercício investigativo vem nos exigindo uma mudança de atitude e reconhecimento do nosso *não saber* sobre as crianças e seus modos de ser. Está sendo necessário nos desvencilhar das imagens pré-concebidas e entender a criança e seu mundo através do seu próprio ponto de vista. Para nós adultos, é um desafio superar o entendimento que temos de criança, construído desde a modernidade, sendo elas concebidas como seres que *ainda não são*, mas que *virão a ser* (quando adultos): “*O que você vai ser quando crescer?*”. Segundo Trevisan “(...) a nova definição da criança e da infância implica deixar de ver a criança por aquilo que ainda não é, por aquilo que ainda não faz, mas, sim, por aquilo que já é e por aquilo que já faz” (2007, p.44).

Baseando-nos em estudos recentes de educadores e sociólogos da infância, acreditamos que as crianças já são e são capazes de refletir, dar opiniões sobre assuntos do seu interesse, como a escola, as professoras e as atividades oferecidas. Para

conseguirmos perceber essa capacidade, é necessário dar voz à criança, compreender o que dizem a partir da sua voz, pois não basta apenas ouvir, mas *escutar* para entender o que diz a criança. É necessário uma escuta atenta, interessada, sensível, ser capaz de entender nestas falas, “*enunciados que supõe singularidades*” (SILVEIRA, 2005), levando a sério o ator social que é a criança.

Porém, isto implica em “romper com as noções de poder unilaterais entre adultos e crianças e criar contextos de relação capazes de lhes permitir fazerem ouvir as suas vozes e serem escutadas” (FERREIRA, 2008). O novo paradigma da Sociologia da Infância nos dá suporte para pensarmos uma Pedagogia mais voltada para a Infância e o abandono do paradigma da *criança objeto*:

- A infância é uma construção social;
- A infância é variável e não pode ser inteiramente separada de outras variáveis como classe social, o sexo ou o pertencimento étnico;
- As relações sociais das crianças e suas culturas devem ser estudadas em si;
- As crianças são e devem ser estudadas como atores na construção de sua vida social e da vida daqueles que as rodeiam;
- Os métodos etnográficos são particularmente úteis para o estudo da infância;
- A infância é um fenômeno no qual se encontra a “dupla hermenêutica” das ciências sociais evidenciadas por Giddens, ou seja, proclamar o novo paradigma no estudo da infância é se engajar num processo de reconstrução da criança e da sociedade (PROUT e JAMES, apud SARMENTO, 2008, p. 24)

O desafio da investigação, portanto, foi fazer um estudo não *sobre* as crianças, mas *com* as crianças, reconhecendo-as como *sujeitos, atores sociais*. Tomamos todo o cuidado para sensibilizar nossa escuta, tornando-a mais atenta e sensível para acolher as vozes dos sujeitos da investigação, trabalhando com uma concepção de criança para além do aluno. As leituras mostraram a necessidade de descentrar a Pedagogia do ponto de vista dos adultos, para então, considerar legítima a voz das crianças, além de considerá-las construtoras em conjunto destas práticas.

“Trata-se de levar a sério a voz das crianças, reconhecendo-as como seres dotados de inteligência capazes de produzir sentidos e com o direito de se apresentarem como sujeitos de conhecimento ainda que o possam expressar diferentemente de nós, adultos (...) trata-se de romper com concepções que avaliam as suas ações e conhecimentos

como imperfeitos e em erro, considerando-as como atores superficiais”.
(Ferreira, 2008, p. 147)

Nossa intenção com este estudo foi colaborar para a reflexão sobre práticas pedagógicas desenvolvidas e planejadas por nós, adultos, junto às crianças, para que possamos contribuir com mudanças de paradigmas a respeito da infância, partindo da maneira pela qual elas percebem a instituição que freqüentam.

Como vimos nos estudos citados, é comprovado que as crianças têm contribuições a dar para melhorias das relações pedagógicas em instituições preparadas somente pelos adultos, para recebê-las. As vozes infantis merecem e têm o direito de serem ouvidas, consideradas e refletidas, para que possamos, como educadoras, incluir a participação infantil nos planejamentos escolares, exercitando os direitos da criança na escola, promovendo um ambiente mais democrático e apropriado para receber e educar crianças.

Durante o período da investigação, convivemos em duas instituições escolares, sendo uma rural e outra urbana, ambas do município de Ijuí/RS. A escola urbana é estadual e atende desde a Educação Infantil até o Ensino Médio noturno, localiza-se num dos bairros da periferia urbana do município de Ijuí: os sujeitos infantis participantes da investigação foram crianças de uma segunda série com 23 alunos/as, frequentando o turno da tarde, com idade entre 7 e 10 anos. Já a escola rural, igualmente estadual, atende a comunidade com uma turma de Educação Infantil, Ensino Fundamental e EJA e localiza-se no interior do município de Ijuí, região de pequenas propriedades agrícolas, mas com características urbanas no núcleo central da comunidade; os sujeitos da pesquisa foram crianças com idade entre 7 e 10 anos. É importante observar que essa turma era composta por apenas 6 crianças, numa escola com o número cada vez mais reduzido de alunos, fato que está se tornando comum entre as comunidades da zona rural do município de Ijuí.

A inserção nas escolas para fazer o exercício de escuta proposto, caracterizou-se como um grande desafio nesta situação de Iniciação Científica, mas principalmente, um período de grandes aprendizagens. Para um adulto poder entrar no mundo das crianças, primeiro, precisa-se ser aceito por elas, e para isso é necessário criar laços de confiança e amizade, pois para as crianças a relação com os adultos é sinônima de poder e autoridade, principalmente em contexto escolar. Portanto, para relativizar as relações pedagógicas predominantes, geralmente baseadas em fortes e desiguais relações de poder

entre adulto-professores/professores/as e crianças/alunos/as, coletar e gerar dados com elas foi necessária muita sensibilidade, desprendimento da visão adultocêntrica, paciência e, principalmente, estudo sobre metodologia de pesquisa com crianças.

Durante a pesquisa foi possível perceber e confirmar que a fala não é a única maneira pela qual as crianças se comunicam, pois são usuárias de várias outras formas de linguagem, expressando-se por gestos, desenhos, comportamentos, brincadeiras, interpretando uma história ouvida, etc. Entendemos que há uma grande aprendizagem a ser feita e a *observação sensível* tornou-se uma ferramenta de pesquisa muito importante, assim como registro das falas, das interações e relações entre as crianças e adultos que as ensinam, torna-se importante fonte de análise.

A metodologia a qual utilizamos para a geração de dados neste exercício investigativo tem por base pesquisas já realizada com crianças por educadores, sociólogos e antropólogos que se dedicam a estudar a infância nas escolas e em outros contextos socioculturais. Reafirmamos com tal metodologia, a concepção teórica assumida, ou seja, a criança como *sujeito*, ator social, pois são vistas como “protagonistas e repórteres competentes das suas próprias experiências e entendimentos” (FERREIRA, 2008).

Inicialmente, adotamos uma “estratégia de entrada reativa”, descrita por Corsaro (2007) em seus estudos com crianças. Esta estratégia ensina a nos inserir no cotidiano das crianças e assim poder ouvi-las sem forçar a interação, ou seja, esperamos que as crianças reagissem a nossa presença, diferenciando-nos, assim, de um adulto típico, o qual geralmente controla o início de uma interação com as crianças.

Após o período de observações e inserção no grupo, momento em que criamos os laços de confiança indispensáveis, para coletar e gerar dados com crianças, outras estratégias metodológicas foram adotadas. Procuramos promover uma coleta e geração de dados utilizando-nos de desenhos, poesia, histórias, produção de textos e narrativas, meios pelos quais as crianças pudessem expressar-se fazendo uso de vários tipos de linguagens, e por último, a realização de entrevistas. Como complemento dos dados coletados e gerados com as crianças, utilizamos registros fotográficos dos espaços utilizados pelas crianças na escola em seus momentos de lazer, recreio e ao ar livre.

Exercitando a escuta das vozes: direito das crianças...

As leituras realizadas nos revelam que, historicamente, as escolas são instituições preparadas por adultos para receber as crianças havendo pouco lugar para sua participação na gestão deste espaço, ou seja, quase não há espaço para escuta de suas vozes, como também há restrição para outras formas expressivas, outras linguagens. A cultura infantil muitas vezes acaba sendo invisibilizada na escola, apesar dela estar presente nos documentos, objetivos e intenções. A fala de uma menina de sete anos, ao dizer sobre o que gostaria de fazer na sala de aula, nos faz refletir como pedagoga. Percebemos no interior da escola, nos anos iniciais, que os processos de aprendizagem da leitura e escrita, tomam muito tempo nas atividades propostas, sobrando pouco tempo para outras linguagens. As crianças/alunos expressam seus desejos, agrados e desagradados o que nos faz pensar sobre a necessidade da participação infantil na escola e na gestão da sala de aula, como a fala que segue:

“assim... cantá! ...fazer ginástica também...como a outra profe, ela fazia isso com a gente!” ...é que a gente já ta grande, agora a gente não canta! Orar, assim, é bom, mas...nós não cantemo mais! Não canto mais na escola! ...copiemo às vezes, fizemo prova...” Ao ser questionada sobre o tempo cantar na escola e ela responde: “na oitava série, ela não precisa alevanta e ficá dançando e cantando, é trabalhar, assim...se tiver prova, fazer prova, se tiver matemática, fazer matemática, fazer o que a profe manda!”

(menina de 07 anos, escola rural)

Não defendemos que as crianças sejam donas de verdades inquestionáveis, mas defendemos a idéia de respeito ao ser criança e a defesa dos direitos das crianças nas escolas. O lugar da criança, como território da infância ainda está por ser construído na escola e, só o será com a participação das partes interessadas. (WESCHENFELDER e BELTER, 2009).

Para fazer a escuta de vozes infantis sobre a escola e os direitos da criança, a estratégia metodológica utilizada foi a contação de história, percebemos que as crianças sentem falta de histórias, canções, jogos e brincadeiras. Utilizando aparelho de multimídia, projetamos num telão histórias digitalizadas, as crianças tiveram a oportunidade de ver os slides das histórias escolhidas, cuja temática foi os direitos das crianças. As histórias contadas foram: *Declaração Universal dos Direitos da Criança*,

de Maria Helena Zancan Frantz e *Os direitos das crianças segundo Ruth Rocha*, de Ruth Rocha. A discussão feita com as crianças teve como questão central, o que seriam os direitos das crianças na escola? Feito esta discussão, a proposta foi que as crianças se reunissem livremente em pequenos grupos para que pudessem conversar mais sobre o assunto e após registrassem por escrito suas representações sobre o tema.

Desta forma, coletamos e geramos dados significativos no decorrer da pesquisa de campo e a análise revelou que para as crianças, o mais importante na rotina escolar são os amigos e o brincar, em momentos de lazer como o recreio, a Educação Física e os passeios ao redor da escola. Escolhemos algumas das falas, o conteúdo delas foi comum e estiveram em quase todos os dados gerados, indiferente do instrumento metodológico utilizado. Algumas falas recorrentes:

- eu tenho o direito de brincar com meus amigos e andar de bicicleta e brincar de carrinho e brincar de pião e brincar de cavalo e jogar bola e brincar de beizebol.
- eu tenho direito de ser feliz e eu tenho de ser alegre e também eu tenho o direito de brincar com meus amigos que se chamam Y e M.
- as crianças tem o direito de brincar as crianças tem o direito de se divertir as crianças tem o direito de estudar as crianças tem o direito de praticar esportes.

A discussão sobre os direitos da criança na escola, além de fazer escuta sensível do que pensam as crianças, objetivou realizar leituras e participar do debate sobre um novo paradigma de participação das crianças, presente nos textos e pesquisas especialmente, dos sociólogos da infância tanto de Portugal, como do Brasil. Aprendemos que o paradigma da participação cidadã ainda é recente no meio educacional, ele “defende que a criança tem e pode expressar diferentes concepções, necessidades e aspirações relativamente aos adultos” (TOMÁS, 2007, p. 48). A autora assinala que existem muitas concepções e experiências no mundo da participação e alerta para o caráter ilusório de algumas práticas. A socióloga define participação das crianças como, por exemplo:

“primeiro, a partilha de poderes entre adultos e crianças; segundo, a introdução de métodos e técnicas que permitam às crianças a participar, na esteira da tradição de democracia participativa; terceiro, a consideração de que a formulação de regras, direitos e deveres é feita

por todos os participantes do processo; e quarto, o condicionamento efetivo dos meios, métodos e resultados do processo de participação” (TOMÁS, 2007, p. 48).

Os sujeitos da pesquisa nos mostraram também, através de desenhos, como poderiam participar na construção de um novo espaço escolar, mais lúdico, no qual a criança e sua infância teriam lugar.

“Eu desenhei uma balança com

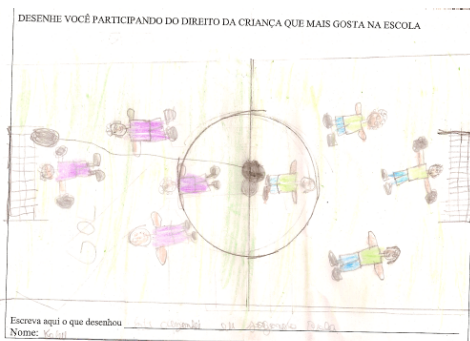


“Eu desenhei eu jogando bola”

“Eu brincando na pracinha”

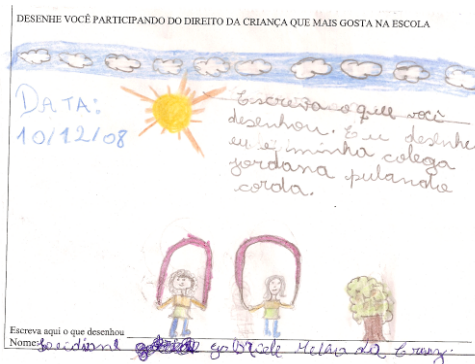
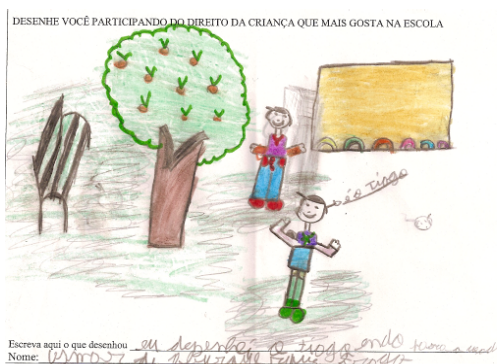


“ter direito de ter amigos”



“eu desenhei o ‘T’ indo para a

“eu desenhei eu e minha colega ‘J’



As vozes infantis merecem e têm o direito de serem ouvidas e consideradas para que possamos, como educadoras, incluir a participação infantil nos planejamentos escolares, exercitando os direitos da criança na escola. Sarmento nos ajuda a refletir sobre os direitos das crianças:

Os direitos das crianças no contexto educacional podem ser definidos como: 1) o direito a realização pessoal (*enhancement*), isto é, o direito ao desenvolvimento pessoal, intelectual e material, e “à experimentação dos limites”, através da qual se realiza a compreensão crítica do mundo e se descobrem novas possibilidades; 2) o direito à inclusão social, intelectual, e cultural, que permita a cada criança ser autônoma no

interior da respectiva comunidade, sendo nela aceita e acolhida; 3) o direito a participação na prática e decisões coletivas. Esses direitos situam-se nos níveis individual, interactivo e social e neles se realizam as dimensões, respectivamente, da confiança, da autonomia e da prática cívica (BERNESTEIN, 1996, p.6-7 apud SARMENTO, 2001)

As duas escolas junto às quais convivemos como já citado, pertencem a locais geograficamente distintos, uma em um contexto rural e outra de periferia urbana, ambas do município de Ijuí. Nesses territórios de pesquisa, também procuramos conhecer um pouco mais sobre os contextos de vida das crianças, na perspectiva proposta por Sarmiento e Pinto (1997). Exercitamos a “recolha da voz das crianças, a partir delas próprias” (p.26) nos momentos de conversas informais, entrevistas e observação das brincadeiras. As crianças investigadas disseram de si, de suas famílias, de suas vidas e sonhos, seus agrados e desagradados, falaram sobre o mundo e a escola em seus tempos e espaços e criam ou reivindicam espaços para viver a infância.

Novamente, buscamos outras linguagens como estratégia utilizada para desencadear as narrativas infantis, escolhemos um livro para crianças intitulado *Crianças como Você*, de Barnabas e Anabel Kindersley, produzido em associação com a Unicef. É um livro que retrata de maneira alegre o cotidiano de crianças que vivem nas variadas regiões do planeta, em diferentes continentes e países. Nele as crianças contam como é sua vida na escola, mostram seus materiais de aula, as suas casas, apresentam as famílias, o trabalho que seus pais realizam, seus brinquedos, ou seja, é um livro muito rico e estimulante que proporcionou muitas possibilidades de fala para as crianças entrevistadas. A utilização de tal estratégia permitiu trazer à tona contextos pessoais, familiares, contarem sobre si e seu mundo cotidiano.

Tanto na escola urbana, como na rural, o cenário escolhido pelas crianças para a realização das entrevistas e, muitos dos momentos de observações e fotos, foi a pracinha, por ser principal ponto de encontro entre as crianças, durante o recreio, nos horários de espera de transporte para ir para casa no final do turno

, ou na espera por professores. Visivelmente, as crianças não apenas se sentiam muito mais à vontade neste local como expressavam-se com mais facilidade.

Percebemos que o espaço da pracinha, entre tantos outros, foi transformado em um “lugar” para conversas, brincadeiras e refúgio, longe do controle dos adultos. Entendemos tratar-se de um “território de crianças”, assim como vimos em Coelho

(2007) sendo que “o próprio ‘lugar’ é construído por intermédio das interações afetivas que são impregnadas de valor, sentimentos e simbolismos, no instante em que o indivíduo vive o espaço pelos processos perceptivos”. Acreditamos ser nas escolas acompanhadas o recreio, espaço de tempo no qual têm mais liberdade para brincar na pracinha, como sendo lugar para as interações afetivas das crianças, e por isso tão focado por elas:

Mudaria um monte de coisa, a pracinha, a quadra (...) Na pracinha ia colocar tudo novo, ia colocar mais pra cima na areia, porque tem mais espaço.

(menino, escola urbana, 7 anos)

A pracinha! Eu mudaria tudo! Ia botar uma gangorra, escorregador, uma ponte, aqueles negócios de escalar! Na biblioteca ia ter mais sofisticação. Na minha sala eu mudaria as mesas e cadeiras. Ia ter só mesa baixa e cadeira baixa, as baixa é legal porque daí ninguém fica reclamando pra pegar as mesa, que só têm duas ali na minha sala!

(menina, escola rural, 10 anos)

Outras situações significativas foram vivenciadas nos momentos de “recolha das vozes infantis”, as quais confirmam a pracinha como espaço significativo na escola para as crianças. Na escola rural, nas duas últimas entrevistas, tivemos que utilizar um espaço coberto na entrada da escola por motivo de chuva, um fato muito interessante pode ser notado. As duas crianças entrevistadas neste local, não conseguiram participar ativamente da entrevista, assim como seus colegas entrevistados na pracinha. Na escola urbana, registramos um fato semelhante, por ocasião da troca do local da entrevista em função do frio, e também pode-se observar desconforto nas crianças que foram entrevistadas num ambiente que não foi o escolhido por elas. A situação faz-me refletir sobre o cuidado especial na escolha do local e do horário para realizar as entrevistas, e a sensibilidade necessária do adulto diante das crianças, o que possibilita maior ou menor participação delas.

As crianças ao falarem sobre a escola, pouca ou nenhuma referência fizeram sobre seus relacionamentos com os adultos com quem ali convivem, ou seja, as professoras. Uma questão nos faz pensar, se tal ausência poderia ser um indício da falta de “acolhimento” por parte da escola às culturas infantis. Acreditamos que quando as crianças têm boa relação com os adultos ensinantes na escola, sentem-se melhor, e têm a

aprendizagem facilitada. Nas falas e representações das crianças em ambas as escolas, a preferência é por espaços abertos, buscamos compreender porque elas preferem falar mais da pracinha, do recreio, dos amigos, do pátio e menos da sala de aula e das professoras. Seria em função de que no minúsculo tempo do recreio, com os amigos e as brincadeiras livres, que as crianças encontram na escola o seu “lugar de afetividade”, do qual nos fala Coelho (2007).

Nos territórios de pesquisa, rural e urbano, podemos perceber também que a dicotomia entre campo e cidade, nos últimos anos é cada vez menor. Essa é uma questão que precisamos refletir no contexto da escola, especialmente com relação ao mundo infantil. As crianças do meio rural hoje têm acesso muitos dos bens culturais e informações que as crianças da cidade. A televisão é algo comum, por isso, se não possuem acesso aos bens de consumo, têm conhecimento dele através da mídia. Outro fator marcante é o deslocamento de crianças na escola, tanto rural, quanto urbana. Durante esse exercício investigativo conhecemos crianças nas duas escolas que já mudaram de lugar para morar, de bairro, sendo dois caso de município. Na escola rural encontramos um caso de deslocamento de família da periferia para o centro da vila, nela se situa a escola rural, próximo a uma pequena "favela rural" que está se constituindo, parecida com a periferia do município de Ijuí.

Embora não seja o foco de interesse neste texto o debate sobre a questão, registramos nossa preocupação, pelo fato de que os sujeitos/crianças que moram ali, frequentam a escola e precisam ser acolhidos e compreendidos, por consideramos importante conhecer os contextos socioculturais. As falas das crianças nos ajudam a compreender as culturas infantis, as culturas locais e globais em interação no contexto da cultura escolar. Sociólogos como Sarmiento e Corsaro, auxiliam no entendimento da concepção de outro conceito de socialização das crianças, assumindo a “alteridade” da infância enquanto categoria geracional, por isso é importante prestar atenção ao processo de construção de como as crianças se inserem nos espaços, de modo muito especial no espaço escolar.

As culturas das crianças são “um conjunto estável de actividades ou rotinas, artefactos, valores e idéias que as crianças produzem e partilham em interacção com os seus pares” (Corsaro & Éder, 1990 apud Sarmiento, p. 373, 2005). Estas actividades e formas culturais não nascem espontaneamente; elas constituem-se no mútuo reflexo das produções culturais dos adultos para as crianças e das produções

culturais geradas pelas crianças nas suas interações. (SARMENTO, p.373, 2005)

As crianças atribuem significado aos fatos, momentos, espaços. Revelam forte relação afetiva com o lugar e expressam seus desejos e sonhos com relação ao que gostariam que mudasse na escola, como por exemplo, o aumento do tempo livre para o recreio:

Se fosse diretora da escola eu mudaria tudo!
Começaria pela pracinha. Colocaria balança....
Deixar grande que nem lá no Boa Vista,
com até casinha pra brincar.
O recreio teria uns trinta minutos
e brincaria com tudo que tivesse dentro da escola.
O que falta na escola? - balança!
(menina da escola urbana, 9 anos)

Durante o período de coleta de dados nas escolas, imagens fotográficas também foram utilizadas como instrumento de pesquisa. As poses foram registradas utilizando uma máquina fotográfica digital e mostram vários momentos das crianças na escola, em diferentes espaços, dentre eles a pracinha, sala de aula, quadra esportiva, corredores e prédios da escola.

As imagens fotográficas foram utilizadas como recurso para mostrar, os espaços da escola e sua estruturação física como prédios e sala de aula, uma vez que o espaço foi o tema mais focado pelas crianças ao falar da escola. É importante ressaltar que as fotografias só começaram a ser tiradas após as entrevistas, houve uma combinação com as crianças. Foi concedida uma autorização individual de cada sujeito da pesquisa, para além do consentimento livre e esclarecido por parte dos familiares e da escola para autorizar a pesquisa. A intenção foi a possibilidade de uso de mais uma linguagem, quem sabe para registrar com imagens o que as crianças diziam em palavras ao falar da escola, uma espécie de confirmação das coisas ditas, ou apenas mais uma narrativa.

Ao provocar e acolher a fala da criança sobre a escola e seu cotidiano, sabemos que estamos lidando com um procedimento de pesquisa com limitações, pois as falas das crianças são tão limitadas e polissêmicas quanto à dos adultos (Silveira, 2005). Neste sentido, as fotografias serviram como complemento daquilo que era dito, como exemplo o caso de uma criança da escola rural, que ao ser questionada sobre a escola e o que há nela, ela disse:

Eu só gosto da pracinha, que daí a gente coloca uma tábua no meio daquelas balanças ali...”

(criança de 10 anos, escola rural)



Em um dos dias de observação durante o recreio, após as entrevistas, observamos esta cena e relacionamos com a fala da criança sobre a tábua no meio das balanças. Colocando uma tábua que encontraram na pracinha, a qual havia se desprendido de uma gangorra, transformaram duas balanças num brinquedo agora com quatro lugares. As balanças na pracinha desta escola são poucas, apenas cinco estão em condições de uso, é praticamente o único brinquedo e o preferido entre eles, os demais estão danificados pela ação do tempo, restando um trepa-trepa e um escorregador.

As observações mostraram que as crianças sempre conseguem adaptar-se ao contexto, recriam as possibilidades para a brincadeira. A imagem fotográfica confirma não ser por acaso que a pracinha é um lugar preferido, território das crianças.

Compartilhamos das idéias de Pinto (2007) ao assinalar que “na sociedade capitalista, onde a vida dos indivíduos é conduzida pela lógica do trabalho, a escola acaba assumindo uma importância significativa na socialização das crianças”. A autora nos convida “rever o papel social da escola na nossa sociedade e revalorizá-lo enquanto

espaço privilegiado da infância nos nossos tempos?”. Para tanto, seria importante relativizar nossas concepções sobre a infância e o brincar na escola, para que possamos rever também nosso modo de tratar a criança e a organização do espaço escolar.

Débora Silveira (2005) enfatiza que saber como as crianças vêm a escola, talvez possa nos ajudar na tarefa de pensarmos em melhorias nas instituições ou em uma nova forma de atendimento, organizado para que as crianças possam ser mais felizes, vivenciando um processo educativo com mais qualidade.

Os dados gerados e coletados nos mostram elementos importantes sobre o modo como as crianças vêm a si, a sala de aula, a professora e à escola, o que nos faz refletir sobre o esquecimento por parte dos educadores da sua condição de criança, e também dos tempos e espaços adequados para brincar e estudar na escola. Ao ouvirmos as crianças refletimos sobre os silêncios gerados na escola e as possibilidades de escuta das vozes infantis, sua participação na gestão da sala de aula, na organização dos espaços e dos tempos institucionais.

Os dados obtidos através da escuta das vozes, nos quais consideramos o contexto social em que estão inseridas, nos mostram como ainda temos que avançar nas discussões sobre a infância e as crianças nas escolas. Que apenas deixar a criança falar não é suficiente, ainda faz-se necessário garantir a sua ativa participação.

Efetivamente, ao garantir a escuta das vozes e a participação das crianças na gestão escolar, os projetos pedagógicos deixariam de ser apenas *para* as crianças, para serem definidos a partir das crianças e *com* elas (Rocha, 2008, p.47), tornando o ambiente escolar mais democrático, provocado pelo diálogo entre os sujeitos da escola, adultos e crianças, os quais ocupam diferentes lugares sociais.

Neste sentido, as crianças as quais participaram de nosso exercício de pesquisa, nos mostram como poderiam participar na construção de um novo espaço escolar, mais lúdico, no qual a criança e sua infância têm lugar.

Bibliografia:

CHON, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

COELHO, Glaucineide do Nascimento. Brincadeiras na favela: a constituição da infância nas interações com o meio. In: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de; SARMENTO, Manuel Jacinto (orgs). **Infância (In)Visível**. Araraquara, SP: Junqueira&marin, 2007.

CORSARO, William. **Pesquisa etnográfica realizada com as crianças de Jardins de Infância nos EUA e em Itália**. Departamento de Sociologia, Indiana University, Bloomington, Indiana, USA, 2007.

_____. **Ação coletiva e agência nas culturas de pares infantis**. Departamento de Sociologia, Indiana University, Bloomington, Indiana, USA, 2007.

FERREIRA, Maria Manuela Martinho. Branco demasiado branco...reflexões epistemológicas, metodológicas e ética a cerca da pesquisa com crianças. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina Soares (orgs.). **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

QUINTEIRO, Jucirema; CARVALHO, Diana Carvalho de (orgs). **Participar, Brincar, Aprender: exercitando os direitos da criança na escola**. Araraquara, SP: junqueira&marin. CAPES 2007.

ROCHA, Eloísa Acires Candal. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.) **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, 2004.

_____. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. In: **Educação & Sociedade: Sociologia da infância: pesquisas com crianças**. Revista de ciência da educação/Centro de Estudos Educação e Sociedade. SP – Campinas: Cortez, v.26, mai/ago. 2005.

_____. Culturas Infantis e interculturalidade. In: DORNELLES, Leni Vieira (Org). **Produzindo Pedagogias Interculturais na Infância**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. Sociologia da Infância: Correntes e confluências. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina Soares (Orgs.). **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. A globalização e a infância: impactos na condição social e na escolaridade. In: GARCIA, Regina Leite, FILHO, Aristeo Leite(orgs.). **Em defesa da educação infantil**. Coleção O sentido da escola. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SARMENTO & PINTO, M. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, M. & SARMENTO, M. J. **As crianças: contextos e identidades**. Portugal: Bezerra, 1997.

SILVEIRA, Débora de Barros. **Falas e imagens: a escola de educação infantil na perspectiva das crianças**. Tese (doutorado) – UFSC (Programa de Pós-Graduação em Educação) Rio de Janeiro, 2005.

____. **A escola na visão das crianças**. 27ª ANPED. Caxambu, Minas Gerais, 2004.

FONSECA, Claudia W. **Antropologia, Educação e Cidadania**. In: Revista GEEMPA, nº 3 – março 1994. Porto Alegre.

TÓMAS, Catarina. Participação não tem idade: participação das crianças e cidadania da infância. **Contexto & Educação**, Infância e Sociedade, Ijuí: Editora Unijuí, ano 22, n. 78 p. 45-68, Jul./Dez. 2007.

TREVISAN, Gabriela de Pina. Amor e afectos entre crianças – A construção social de sentimentos na interação de pares. In: DORNELLES, Leni Vieira (Org). **Produzindo Pedagogias Interculturais na Infância**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

WESCHENFELDER, Noeli V., BELTER, Luciléia. “Elas” estão no ensino fundamental: espaços/territórios das culturas infantis. Porto Alegre, Anais do 10º **Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia** (ENPEG), no prelo, 2009.